

História de um sino¹

Arkadi Aviértchenko

Nota biográfica: Arkadi Timofiévitch Aviértchenko (1818-1925) é um dos mais importantes escritores-humoristas da Rússia, chamado por muitos contemporâneos de Mark Twain russo e também de herdeiro de Anton Tchekhov. No entanto, sua herança bibliográfica é tão rica e interessante que não deixa dúvidas sobre seu caráter original. Em 1903, Aviértchenko começa a atuar como redator da maior revista humorística russa, "Satirikon", e a partir de 1910 passa a publicar obras de sua própria autoria, sempre de pequena extensão (principalmente contos e esboços cômicos). Em 1917 nota-se uma mudança brusca em sua obra, que adquiriu notas mais trágicas. Provavelmente deveu-se a uma decepção com as reviravoltas políticas na Rússia, que resultou na emigração do autor em 1920. Depois de perambular por diversos países, Aviértchenko se instalou finalmente em Praga, onde faleceu em 1925.

Gostaríamos de apresentar a tradução do conto "*História de um sino*" ("*Rasskaz o kólokole*"), de 1913, com o qual iniciamos o nosso projeto de tradução para a língua portuguesa de vários contos desse escritor.

O caso que passo a narrar pode ter somente dois pontos de vista: ou acreditam no autor ou não acreditam. O autor gostaria muito que acreditassem nele. Ele pensa que o leitor ficará receptivo a esse desejo, pois os autores em geral são completamente indiferentes ao fato de lhes darem crédito ou não. O escritor não costuma mover um só dedo para ganhar a confiança incondicional do leitor. Já o autor do que vem descrito a seguir, porém, em um único parágrafo lhes dará uma prova de que a história toda não é invenção sua, mas um acontecimento real.

Eis a prova: ele lhes dá sua palavra de honra.

Capítulo I

Certa vez, no final da quaresma, trouxeram para a nossa cidade um sino novo de cobre e ele foi pendurado no lugar mais nobre, o campanário da catedral.

¹ Tradução feita a partir de: Aviértchenko, A. T. *A hospitalidade moscovita. (Moskóvskoie gostepriímstvo)*. Moscou: Azbuka-Klássika, 2010. P. 79-85.

A respeito desse sino, diziam que não era grande, mas tinha um som tão magnífico que qualquer pessoa que o ouvisse sentia logo o coração comovido e chorava de remorso se porventura houvesse feito qualquer coisa má.

Aliás, nem era de surpreender que corresse tais rumores: o sino havia sido fundido em uma fábrica de acordo com as disposições deixadas em testamento por um conhecido novelista devoto, que há um século escrevia contos de Natal e Páscoa cujos protagonistas se arrependiam de seus crimes ao ouvir o primeiro som dos sinos durante essas comemorações.

Dessa forma, era como se o novelista estivesse erguendo um monumento em reconhecimento àquilo que lhe havia dado o seu sustento.

Capítulo II

Quando, na noite de Páscoa, o coral da igreja começou a cantar: “*Cristo ressuscitou dos mortos...*”, o sino estremeceu, tocado pela mão experiente do sineiro, e começou a emitir seu canto doce e alegre.

A família do inspetor de seguros Kholmuchin estava na sala de jantar à espera do panetone bento, pois, como o tempo estava chuvoso, ninguém, com exceção dos empregados, tinha se arriscado a ir até a igreja.

- Puxa! Esqueci-me completamente de lhe dizer: estou tendo um caso com a governanta dos nossos filhos, a senhorita Vera Koznakova. Você vai me desculpar, eu espero.

A governanta, que também estava à mesa, prestando atenção ao som do sino corou até a raiz dos cabelos e retrucou:

- Embora, é claro, isso seja verdade, devo confessar que no fundo não amo o senhor, porque é velho e suas orelhas estão cheias de uma penugem nojenta. Comecei a me aproximar do senhor por causa de seu dinheiro. Mas devo confessar que prefiro o seu secretário Oblakov Vassili Petróvitch. Oh, tenha piedade de mim!

- Mas quem sou eu para acusá-la – deu de ombros a esposa de Kholmuchin – quando o meu filho do meio, Piétitchka, nem é do meu marido, mas do doutor Verkhonóssov, com quem eu me encontrava em Moscou naquela época?

- Pelo visto esse doutor Verkhonóssov era um grande trapaceiro – sussurrou, balançando a cabeça ao ouvir o som do sino, o estudante Piétenka, do quarto ano ginásial.

- Por quê?

- Porque devo ter puxado a ele! Imaginem que no último trimestre me deram dois “um”, eu corrigi para “quatro” e mostrei ao pai.

- Mas que danadinho! – sorriu com condescendência a velha babá. – Ah, patrões meus! Nem dá para contar os quilos de açúcar que eu sursupiei de vocês em todos esses anos! Dia desses, devorei um pote inteiro de geleia, taquei o pote no chão e botei a culpa na Aniútotchka, dizendo que ela quebrou.

- Deixa pra lá! – abanou com a mão a pequena Ánia. – Pelo pote eu só levei uns tapinhas na cabeça. Mas o urso de porcelana que eu quebrei ontem no escritório do papai, ninguém ficou sabendo.

O inspetor levantou-se, espreguiçou-se e disse:

- Estou pensando se vou até o escritório e faço uma declaração para a diretoria da nossa companhia informando que recentemente eu segurei aquele tísico que estava desenganado e que mandei para o exame, em seu lugar, um cocheiro de bonde corpulento...

- Como o senhor pensa mandar essa declaração – retrucou a arrumadeira Niúcha – se ontem eu afanei todos os selos postais da gaveta da sua escrivania?

- Que pena! – disse o inspetor. – Mas, de qualquer modo, vou até o delegado de polícia e me declaro para ele, pois isso é um caso criminal.

Capítulo III

O inspetor vestiu o casaco e saiu para a rua. O sino estava tocando...

Um mendigo aproximou-se e disse com ar de reprovação:

- Já faz três anos que você me dá dois ou três copeques toda vez que me encontra. Você estava cego?

- Por quê?

- É que eu devo estar cem vezes mais rico do que você! Tenho duas casas na rua Moskóvskaia.

Um homem que vinha correndo esbarrou neles e perguntou ofegante:

- Onde é aqui que recebem a confissão de fuga de um preso dos trabalhos forçados?

- Vamos juntos – disse o inspetor -, eu também tenho que declarar uma bagatela criminal.

- Eu vou com vocês – colou-se a eles o mendigo. – Porque uma das casas, eu consegui de uma forma não muito direita: passei a perna numa orfãzinha. Isso aconteceu faz uns vinte anos, eu posso aproveitar e declarar.

E os três marcharam pela rua agitada, repleta de gente que por ali enxameava movida pela mesma intenção. Uns iam à delegacia, outros em busca do procurador, e havia um que ia apressadamente à casa da amante para lhe confessar que amava mais a sua esposa do que a ela.

Todos cuidavam de contornar um comerciante que estava ajoelhado no meio da rua, de gorro na mão. O comerciante bradava:

- Fregueses! Nada é verdadeiro na minha loja – é tudo falsificado! O sabão, a manteiga, o tabaco, o caviar e até o pão! Como é que vocês aguentaram até agora? Eu não consigo acreditar.

- Em questão de arrependimento todos vocês são mestres – respondeu um freguês que passava diante dele -, mas, e os cem rublos falsos que eu lhe passei ontem, hem? Aposto que você nem percebeu. Ei! Senhor! Sabe qual é o endereço do procurador?

Capítulo IV

A delegacia estava apinhada e barulhenta. O delegado e alguns policiais dividiam as pessoas em grupos – estelionatários de um lado, ladrões do outro; já os pequenos contraventores eram simplesmente dispensados.

- Você é o quê? Roubo? O quê?! Falsificou um cheque! Mas, por que diabos está se metendo na frente? Vá pra casa que já temos muita coisa mais importante sem o seu caso. Quem é este? Um assassino? Mas você não está mentindo, não? Tem testemunhas? Ah, Senhor! Pelo amor de Deus, não todos de uma vez! – todos vão ter a sua vez. E a senhora, aonde pensa que vai, só por causa de um antro de perdição clandestino? Feche e pronto, acabou. Você, quem é? Ladrão de cavalos, você diz? A identidade! E você o que quer? Eu já falei pra você – vá embora!

- Senhor delegado, como assim - vai embora?! Então eu tenho uma fábrica de moedas de cinquenta há dois anos e isso é bobagem para o senhor?

- Ai, meu Deus do Céu! Acabei de expulsar um desenhista de notas de cem e agora você vem me encher a paciência com suas moedas de cinquenta?

- É, mas o dele é papel, uma porcaria – pense o senhor mesmo. O meu é metal! Eu trabalho sobre metal! Tenha mais respeito!

- Vai, vai. O que é isso? O que tem aí nesse envelopinho? Não, não! Eu não pego mais isso! De jeito nenhum.

O chefe geral de polícia saiu de sua sala e gritou:

- Mas que barulho é esse aí? Estão atrapalhando meu serviço. Eu estava justamente calculando quanto recebi de... Ei! Ooo... Quem é que está aí? Kovalchienko, Sedikh! Isso assim não é possível! Vão correndo até a catedral, levem alguns homens, detenham o sineiro e tirem de lá esse maldito sino! Mas tomem cuidado para ele não tilintar pelo caminho.

Capítulo V

E o sino foi retirado...

Por muito tempo ele ficou jogado perto da grade dos fundos da catedral; as chuvas o molharam e seu próprio peso fez com que afundasse no chão até a metade.

Os alunos da escola paroquial se reuniam em volta dele para brincar. Eles enfiavam em vão as mãozinhas no seu interior, tentando achar o badalo. O badalo fora arrancado já fazia muito tempo, por ordem do chefe de polícia, e tinha sido utilizado nos arcos de um dos barris com repolho azedo que este produzia domesticamente, todos os anos, para suprir as necessidades das patentes inferiores do corpo de bombeiros.

O sino podia ter ficado lá por muito tempo sem uso, afundando pouco a pouco na terra fofa... Mas, certo dia, alguns homens vieram e o puseram com esforço sobre uma carroça. Eles o levaram, e o sino foi vendido para uma fábrica de botões de cobre para uniformes.

E hoje, quando você vir uma farda de funcionário público ou policial toda abotoada com botões brilhantes cor de prata, saiba que sob a fina camada prateada está escondido o cobre.

Eles são ótimos botões, nunca desabotoam por conta própria; e se acaso, sem querer, acontecer de esbarrar neles uma das condecorações que o sujeito carrega no peito, então o botão vai tilintar, mas tão, tão baixinho, que nem o dono da medalha vai conseguir ouvi-lo.

Tradução: Marcia Chagas Kondratiuk² e Ekaterina Vólkova Américo³

² Formada em Matemática pela PUC-SP e em Letras pela USP-SP. Consultora da Câmara Municipal de São Paulo, educadora em língua portuguesa e criação literária. Publicou recentemente “O Trem dos

Animais” pela Editora Gostri, de literatura infantojuvenil. Endereço eletrônico: marciacha2004@yahoo.com.br e <http://olhardasemana.zip.net>

³ Formada pela Universidade das Ciências Humanas de Moscou, Mestre e Doutora em Literatura e Cultura Russa pela USP, tradutora, pesquisadora e professora. Endereço eletrônico: katia-v@ya.ru